



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

A REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO NEGRO NO CARNAVAL NA MÍDIA JORNALÍSTICA DA DÉCADA DE 1990

Maria Aparecida das Chagas Furtado ¹
Maria Telvira da Conceição ²

RESUMO

A concepção que hoje temos sobre mulher e principalmente negra é quase estritamente relacionada ao seu corpo, em comparação com seu intelecto, sobretudo quando o assunto é a racialização do mercado de trabalho e a negação ao ensino superior. Historicamente nós mulheres negras ocupamos as estatísticas mais desvantajosas em relação a desumanização dessas relações trabalhistas, como também as dificuldades de acesso a uma formação acadêmica. A presente comunicação faz parte de um projeto de pesquisa monográfica, cujo objetivo é analisar como a mídia jornalística na década de 1990, a partir do exemplo do Jornal do Brasil e da Revista Manchete, influenciou na estereotipação e sexualização de mulheres negras no Carnaval, pensando na tríplice violência de raça, classe e gênero que essas mulheres são submetidas. Estabelecendo também diálogos com debates acadêmicos sobre o lugar social desses sujeitos e todo contexto histórico ao qual foram submetidos durante séculos de erotização descomedida de seus corpos. O embasamento teórico do estudo dialoga com autores que discutem sobre a problemática racial, mulher negra e sua representação na sociedade, especificamente as que são construídas pela mídia brasileira. Entre os autores estão, Gonzalez (2020), Hooks (2019), Pacheco (2008), Nascimento (2016), Chartier (1991). Os procedimentos metodológicos incluem análise bibliográfica de matérias jornalísticas através da pesquisa documental. Com este estudo pretendemos mostrar como a mídia corrobora com a produção do racismo estrutural, e a hipersexualização dos corpos das mulheres negras como ponto de vista estratégico e perspectiva de visibilidade desse debate para a formação acadêmica e social.

Palavras-chave: Racismo. Sexismo. Representatividade. Mulher negra. Carnaval.

INTRODUÇÃO

“Olha a Valéria aí de novo para seduzir os foliões”. Esse é o título dado a uma matéria de 1994 no Jornal do Brasil referindo-se a Valéria Valensa, até então a modelo que tinha o título de glóbeleza. ³

Qual é a relação do título da mencionada matéria com os contextos históricos vivenciados pelas mulheres negras ao longo da História do Brasil? Como sabemos o corpo de

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Regional do Cariri - URCA, aparecida.chagas@urca.br;

² Professora orientadora: Professora do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri - URCA. PósDoutora em História Social. Coordenadora do Núcleo de História e Cultura Afroindígena e Africana NIAFRO/ URCA, telvira.conceicao@urca.br.

³ O termo “seduzir” significa, segundo o Dicionário Antonio Olinto da Língua Portuguesa “Desviar do caminho da verdade, do bem, da moral”. p. 512



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

uma mulher negra durante o período da escravidão (1500-1888) serviu apenas para o trabalho escravo e satisfazer o desejo do homem branco. Essa definição no título da matéria se torna um tanto problemática e a intenção é proposital pois, não é a primeira e nem a única palavra usada de uma forma depreciativa nos mais variados textos jornalísticos da época.

Vista como símbolo sexual por muitos anos, a “mulata globeleza” sambava seminua na TV em todos os horários do dia, durante o período do carnaval. Sua visibilidade foi tanta que ela ficou conhecida como símbolo do carnaval da Globo durante 14 temporadas, até a sua demissão em 2005.⁴ Não só ela como várias outras mulheres negras são descritas de forma pejorativa nas mais variadas matérias referentes ao carnaval, como se nada além de corpo pudessem ser agregados, como afirma Hooks (1995, p. 469) “mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade as negras têm sido consideradas só corpo sem mente.”

O Jornal do Brasil e a Revista Manchete como grandes veículos de informação sediados no Rio de Janeiro daquela época, atizou o imaginário social, em grande maioria os homens. A visão estereotipada e extremamente sexualizada da mulher negra nessas matérias, evidência uma das formas de racismo “velado” sendo amplamente divulgado como entretenimento. Podemos chamar de racismo de entretenimento, além de sistêmico?

Ao explorar a construção de discursos sobre mulheres negras nas matérias jornalísticas das décadas de 1990, o projeto revela uma preocupação com a compreensão dos padrões enraizados de objetificação e sexualização, em que a escolha do tema emerge de vivências de discriminação racial. Uma análise detalhada das representações midiáticas, especialmente no contexto do carnaval e da figura emblemática da Globeleza, revela uma intenção em desvendar as complexas intersecções entre raças, gênero e mídia, ressaltando a necessidade de destacar narrativas historicamente negligenciadas para uma compreensão mais profunda do papel do jornalismo na perpetuação de estereótipos raciais e assim dar voz com mais intensidade a essa problemática, dentro e fora da academia.

O objetivo geral desta investigação monográfica é analisar como a mídia jornalística na década de 1990, a partir do exemplo do Jornal do Brasil, influenciou na estereotipação e sexualização de mulheres negras no Carnaval. E os objetivos específicos são, situar os debates sobre a produção do racismo nos meios de comunicação, especificamente o jornal escrito no Brasil e identificar a partir das matérias jornalísticas do Jornal do Brasil e da Revista Manchete, como a mulher negra era representada e suas relações com a produção do racismo.

⁴ Valéria Valenssa foi Globeleza durante os anos de 1990 à 2005 quando foi dispensada pela emissora Globo.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

A presente pesquisa visa problematizar como indagação central, a seguinte: como a mídia jornalística influenciou na estereotipação e sexualização de mulheres negras no carnaval na década de 1990? Nesse sentido analisaremos imagens e discursos a partir das fontes jornalísticas, que giraram em torno dessas mulheres e refletir sobre a sua historicidade e papel na sociedade através da pesquisa explicativa. Conversando com teóricos que falam a respeito da temática mulher negra, racismo e representação, entre eles, Gonzalez (1979); (2020), Pacheco (2008), Hooks (2019), Nascimento (2016) e Chartier (1991). Por fim a pesquisa encontra-se ainda em desenvolvimento para a fase final que será a monografia. A análise das fontes em conjunto com leituras sobre a temática nos faz refletir sobre a dimensão do racismo na estrutura da sociedade e o quanto o debate sobre essa questão é importante.

METODOLOGIA

Para obter os resultados da problematização, será feita a análise das matérias jornalísticas. As fontes primárias das pesquisas são O Jornal do Brasil e a Revista Manchete. O recorte temporal foi das edições publicadas entre os anos de 1990 à 1999. O arquivo de base para coleta de informações encontra-se no [BNDigital](#).

Em relação a fontes é importante situá-la historicamente. O Jornal do Brasil, com sede na cidade do Rio de Janeiro, foi criado em 1891 por Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas. Seu intuito na época foi defender a monarquia que tinha sido recentemente destronada em 15 de novembro de 1889. Sofreu censura durante os anos da Ditadura Militar e tentava driblar através do quadro da previsão do tempo. Tentaram também se tornar uma emissora através de licitações do Governo Federal, mas perderam para o Grupo Silvio Santos e Grupo Bloch, apesar disso investiram em um sistema de rádio. E ainda hoje o jornal se mantém ativo, porém no formato digital.

A Revista Manchete foi criada por Adolpho Bloch em 1952, também sediada no Rio de Janeiro. Seu nome foi dado uns tempos depois a emissora de TV a extinta Rede Manchete, passou a ser a segunda maior revista da época, ficando atrás apenas da Revista Cruzeiro. Sua editora foi a falência nos anos 2000 e voltou a ser relançada em 2002, teve sua última edição em 2007.

Será problematizado a partir dessas fontes, como a sociedade e a imprensa se referiam a mulheres negras principalmente em épocas de carnaval e em que medida as manchetes do



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Jornal do Brasil em seu noticiário da época, contribuíram para a formação de estereótipos sobre a mulher negra.

O recorte temporal, foram os anos de 1993 a 1999 quando o jornal estava sob o comando do empresário Nascimento Brito. Foi nessa época, ou seja, em 1993, em que pela primeira vez aconteceu a escolha de uma mulher negra para ser o símbolo do carnaval, conhecida na época como globeleza. É possível a partir desse fato que se tenha começado uma narrativa no âmbito da imprensa jornalística e representação em torno da ideia da “mulata globeleza”, como sinônimo para sexualização em massa de corpos femininos pretos, onde a mulher “boa” é aquela que tem corpo sinuoso e pele da “cor do pecado”?

O desprezo se mistura com o desejo ao ver uma mulher negra seminua sambando na TV em qualquer horário do dia. Ao analisar os comentários feitos pelos leitores e pelos jornalistas, isso fica bastante explícito. Ao se referir a Globeleza em questão, Valéria Valenssa, que foi a primeira ocupar esse papel, sempre era utilizada frases ou palavras com teor sexual referente ao seu corpo, tais como “seduzir” e “tirar o fôlego”, mesmo que a reportagem não fosse sobre o carnaval em si e que ela estivesse vestida com trajes comuns, era sempre objetificada. Por trás de todo esse espetáculo, vem a reflexão sobre ver mulheres negras somente pelo seu corpo, sem evidenciar outros atributos ou talentos, por exemplo. Ou seja, apenas sua imagem nua que “atiça o prazer” e no imaginário do brasileiro é o que podemos observar ao ler as referidas materiais. Nesse sentido, são narrativas que reforçam os clássicos estereótipos presentes na sociedade: os de “serviçal/doméstica e sexual”. como Gonzalez (1979, p.13 *apud* PACHECO 2008, p.11) afirmou:

A mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação “profissional”: doméstica e mulata. A profissão de “mulata” é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de “mercado de trabalho” [...] produto de exportação.

Figura da mulata Globeleza como era denominada na época, reproduz o estigma do rebaixamento socioeconômico e da solidão de milhares de mulheres negras? Esse estigma disseminado por homens brancos que estão nos bastidores das elaboradas vinhetas, que enaltecem esse traço cruel em cima destes corpos faz referência a preta escravizada e sua serventia para a sociedade? Querendo ou não, são muitas perguntas a serem feitas sobre o assunto. De todo modo o conjunto dessa narrativa está conectado nos desdobramentos da violência da escravidão.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo desta pesquisa trabalharei com o conceito de mulher negra discutido pela professora, filósofa e antropóloga Lélia Gonzalez no texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (2020). Ao analisar o conceito ela atribuiu três noções que definem a pessoa da mulher negra na sociedade brasileira: a mulata, doméstica e a mãe preta. Mulata segundo a concepção de Lélia é vista mais do que um caráter étnico, mas como uma profissão, seu corpo é adorado nos festejos carnavalescos. O mito da democracia racial só é exercido no momento em que começa o carnaval por colocarem o negro em um “patamar elevado” onde ele se torna aparentemente um igual aos brancos, onde os pretos se tornam rei e rainha e é ali que é o seu lugar.

A doméstica segundo Lélia (2020) “Nada mais é do que a mucama permitida, ou seja, o burro de carga que carrega a sua família e a dos outros nas costas”. Ela seria o oposto do espetáculo que é a mulata, pois estaria presente no dia a dia. É nessa rotina que se pode notar a visão da sociedade sobre mulheres pretas como domésticas. Quem mais sente esses efeitos dessa contradição é a negra anônima que vive na periferia e nas regiões mais pobres, pois está na base da prestação de serviços e sendo muitas vezes a única provedora de alimento do seu lar.

A mãe-preta é colocada na sociedade como espelho do amor e da dedicação, a que cuida da família do branco e da sua, sempre está ali disposta para o que for preciso. A autora aponta que ela nada mais é do que a mãe, que limpa, que põe pra dormir, que brinca, que ensina. A branca é somente a que dá à luz, apesar de considerada verdadeira esposa, não cumpre nenhuma função materna, a preta é a mãe em todos os aspectos.

E quando a gente fala em função materna, a gente tá dizendo que a mãe preta ao exercê-la, passou todos os valores que diziam respeito para a criança brasileira. (...) Essa criança, esse infas, é a dita cultura brasileira, cuja língua é pretuguês. A função materna diz respeito à internalização de valores ao ensino da língua materna e a uma série de outras coisas mais que vão fazer parte do imaginário da gente. Ela passa pra gente esse mundo de coisas que a gente vai chamar de linguagem. (GONZALEZ, 2020, p.88)

A mulher negra é a base da cultura brasileira, é ela quem ensina valores e linguagens para as gerações, tanto as suas como a dos outros. O sofrimento e opressão vem triplamente para mulheres negras e pobres, ao sofrer preconceitos de raça, gênero e classe e sendo



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

subalternizadas em todos os espaços e âmbitos da vida social. A cultura do preto mesmo com toda violência que lhe é causada com intuito de apagá-la, está entranhado na estrutura, queira a branquitude ou não.

Para dialogar com Lélia sobre o conceito de mulher negra também trarei os autores, Hooks, B (2019) E Pacheco, A.C.L (2008).

Uma outra ideia central tratada na presente pesquisa é o racismo. O político, professor e artista Abdias Nascimento descreve em seu livro “O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado” (2016), como o racismo se instalou e fixou-se no âmago da sociedade brasileira, que até o momento presente faz vítimas diariamente. Expõe com firmeza e sabedoria os fatores que contribuíram para construção de mitos e inverdades sobre pessoas negras e como essas pessoas são tratadas. Houve também a implementação de políticas e estudos científicos que tinham como intuito o apagamento do afrodescendente e sua cultura mudando assim a dinâmica racial do Brasil através da mestiçagem e o incentivo da vinda de imigrantes, apesar de que mais 80% da população era negra, na época que é estudada pelo autor.

O mito da democracia racial foi a ideia defendida por muitos estudiosos durante a primeira metade do século XX, e um grande defensor desse pensamento foi o polímata Gilberto Freyre, no seu livro “Casa-Grande e Senzala” (1933). Ele defende uma interação harmônica entre senhor e o escravo e que esta harmonia permanece, onde não há racismo e todos tem os mesmos direitos e oportunidades, apesar de ter várias contradições dentro das suas próprias ideias. Abdias trás o real objetivo por trás de tais ideais de Freyre ao falar o teor racista dos termos usados pelo estudioso com a intenção de eliminar a negritude e cultura destes da sociedade, como ressalta o autor:

Freyre cunha eufemismos raciais tendo em vista racionalizar as relações de raça no país, como exemplifica sua ênfase e insistência no termo morenidade; não se trata de um ingênuo jogo de palavras, mas sim de proposta vazando uma extremamente perigosa mística racista, cujo objetivo é o desaparecimento inapelável do descendente africano, tanto fisicamente, quanto espiritualmente, através do malicioso processo do embranquecer a pele e a cultura do negro. (NASCIMENTO, 2016, p. 49-50)

O maior interesse de Freyre é colocar na mente de povo preto que ele deve se misturar e “se limpar”, o ideal de gente seria o branco e a mestiçagem seria o passo para a formação de um país mais branco através das gerações. Recheado de eufemismos, segundo Abdias, a sua obra se tornou símbolo de uma visão racista, neocolonialista e paternalista da sociedade



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

brasileira. Abdias Nascimento discute sobre a ideia da democracia racial, como ela estimulou esse genocídio do negro brasileiro onde se põe em risco sua existência, prevalece desde a escravidão até os dias atuais.

O terceiro e último conceito que será debatido na fundamentação é o de representação, concepção essa definida por Roger Chartier no artigo “O mundo como representação” (1991). O autor é vinculado a 4ª geração da escola do Annales no início da década de 1990. Durante esse período era debatido entre os intelectuais historiadores uma “crise geral das ciências sociais” na qual apresentava problemas na escrita da história e para uma parte, esses obstáculos se davam pela mudança de paradigmas, na qual segundo Chartier, nunca nem se quer tinham acontecido. Para Chartier, essas “mutações” do trabalho histórico se davam pela “Distância tomada, nas próprias práticas de pesquisa, em relação aos princípios de inteligibilidade que tinham governado o procedimento do historiador há vinte ou trinta anos” (CHARTIER, 1991, P. 176).

Ele listou alguns deslocamentos e renúncias, o surgimento de um plano de história global ou modelo braudeliano na qual seria capaz abordar de uma vez só diferentes formas de vivências na sociedade, onde processos históricos seriam analisados sobre a ótica de contextos globais, focando nas conexões existentes entre eventos. A noção de território dada aos objetos de pesquisa seria feita a partir da identificação e descrição de uma sociedade fixada em um lugar particular, sendo uma cidade, província ou região. Assim é feita uma coleta e sistematização dos dados na qual ajudaria assim a escrita da história total, onde a prioridade ao recorte social seria vantajoso para uma melhor compressão da diversidade cultural. Na visão do autor isso só deixou o campo livre para uma variedade de interpretações que só se enfraqueceu. Esse molde teórico aos poucos foi se tornando intimidante e os historiadores pensaram em uma forma de funcionamento social fora da hierarquização das práticas e temporalidades e sem dar prioridade a conjuntos particulares de determinações.

A partir disso, o autor elaborou três pontos a partir das suas vivências de formas de análises metodológicas, o primeiro envolve um estudo questionador de fontes escritas e textos literários ou não, segundo a história dos livros e para mais de objetos que contém a interlocução da escrita e por último a avaliação das práticas que muitas vezes são cheias de simbolismos que geram significações diversas. Deste modo surge o encontro entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”, então são elaboradas duas hipóteses.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

A primeira hipótese sustenta a operação de construção de sentido efetuada na leitura, em sua diversidade ou ainda a partir (ou na escuta) como um processo historicamente determinado cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, os lugares, as comunidades. A segunda considera que as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes). (CHARTIER, 1991, p. 178).

Em outras palavras a representação é a como os homens concebem intelectualmente suas visões de mundo e realidades que os cercam. Não é igual para todos, pois vai de acordo com seu lugar social, é coberto por interesse daquele indivíduo ou grupo, mas não significa que seja passivo, está vinculado as necessidades concretas ou sociais. O conceito de cultura que é formulado por ele tem uma ligação fundamental com representação. Essa concepção refere-se a como socialmente o ser humano constroem o mundo, dando sentido e explicações aos acontecimentos e descobertas, vai além de algo que é meramente fantasioso que está apenas na imaginação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É com a finalidade de compreender essa problemática que a presente proposta de estudo se configura. Qual é o estágio das pesquisas sobre esse tema atualmente no Brasil? Considerando as várias áreas do conhecimento, fiz um levantamento de teses e dissertações no repositório da CAPES⁵ entre os anos de 1987 á 2016, onde verifiquei que há um total de 28.564 trabalhos bibliográficos e utilizando como termo de busca “corpo negro e racismo”. Especificamente os trabalhos sobre esse tema realizados no campo da produção historiográfica indicou um total de (mil e oitenta e dois) 1082 trabalhos científicos realizados.

Gráfico 01- Pesquisas acadêmicas sobre corpo negro e racismo

⁵ Endereço eletrônico: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.



Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES - Sistematização da autora.

Ao analisar os dados desse levantamento, percebemos que a produção na qual engloba todas as áreas é múltipla e houve uma alavancada a partir do século XXI e uma pequena queda de 2013 em diante. Na história há uma notável escassez na produção de trabalhos sobre a temática, essa lacuna deve ser preenchida, posto que entendemos que a pesquisa científica é essencial para a compreensão aprofundada da sociedade, e nesse caso especificamente, sobre a amplitude das manifestações do racismo.

A catalogação das fontes está em processo, estão sendo separadas de acordo com o ano. Nestas fontes foram encontradas além de discursos, muitas fotografias, principalmente nas matérias encontradas na Revista Manchete que tinha muito foco em trazer a fotografia como ponto central, na qual a imagem fica na página inteira e um texto bem curto do lado. Vale ressaltar que essas imagens são explícitas de nudez. Na edição 2135⁶ do ano de 1993, a *Globeleza nua* tem sua imagem colocada na página inteira em grandes proporções, apenas com um tapa sexo cobrindo sua genitália. Um exemplo bem claro do que já foi discutido sobre a mulata exportação, a venda do seu corpo e sua imagem como mercadoria para satisfação sexual dos homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao consultar todo esse apanhado de informações, fica evidente o racismo e a violência contra a população negra principalmente mulheres. O ódio nunca foi embora, apenas tornou-se camuflado para ser vista como uma sociedade mais tolerante e respeitosa, porém

⁶ Endereço eletrônico da matéria:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pesq=%22val%C3%A9ria%20valenssa%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.br&pagfis=277846>



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

por entrelinhas continua sendo a mesma sociedade escravocrata e preconceituosa de dois séculos atrás. O racismo estrutural continua sendo um problema a ser combatido o quanto antes, o sofrimento da população negra continua sendo institucionalizado e apesar das conquistas que já se teve, ainda se precisa de muita luta. Vale ressaltar também que se abre a oportunidade de discussão sobre a necessidade de novas pesquisas no campo do racismo na mídia em torno de corpos negros, bem como diálogos com as análises referidas ao longo do resumo.

REFERÊNCIAS

GONZALEZ, Lélia. **O Papel da Mulher Negra na Sociedade Brasileira** – Uma abordagem político-econômica, Los Angeles, 1979, p.1-25.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **“Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”**: Escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Campinas, São Paulo, 2008. Disponível em : <

<https://cdn.revistaforum.com.br/wp-content/uploads/2015/09/PachecoAnaClaudiaLemos.pdf>

>. Acesso em: 14 jun. 2022.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios intervenções e diálogos**. São Paulo: Editora Letras Negras, 2020.

HOOKS, Bell. **e eu não sou uma mulher?** São Paulo: Elefante, 2019.

Chartier, R. (1991). **O mundo como representação**. Estudos Avançados, 5(11), 173-191.